



O COMUNISTA

ORGÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Redacção e Administração
R. de Aires Marques de Algrate, 30 2.º
Composição e impressão
TRAV. DA AGUA DE FLOR 30

Redactor principal: M. Ferreira Quartel
EDITOR: JOAQUIM RODRIGUES

Publicação quinzenal
PROPRIEDADE DO
Grupo Editor do Comunista

OS CRIMES DOS GOVERNOS

DEPORTAÇÕES SEM JULGAMENTO

Não podemos ser indiferentes nem ficar silenciosos e de braços cruzados perante a violência cometida, a arbitrariedade levada a efeito — e até agora ainda sem a indispensável reparação! — das deportações sem julgamento. Não podemos ficar silenciosos e inertes sancionando com o nosso silêncio e a nossa inação — o crime praticado por uns governos e mantido indecorosamente por outros.

Temos que pôr a questão com toda a clareza e — embora, possivelmente, isso vá ferir certas susceptibilidades — com a rude e brutal sinceridade que quando é necessário costumamos usar e que, neste caso, os factos aconselham e impõem.

O P. C., logo de início, verberou a ilegitimidade das deportações sem julgamento, colocou as objecções contra semelhante procedimento das autoridades e abriu fogo vivo contra os mandantes e autores dessa infamia que nega, por inteiro, uma democracia. Fê-lo por uma questão de princípios. Fê-lo pela necessidade que há de estrangular e sepultar, bem fundo, o peccato e perigoso precedente aberto. E fê-lo ainda pela simpatia e consideração que lhe merece alguns desses deportados — junto dos quais leva a mais viva demonstração da sua solidariedade.

Da alguns, dissemos. Porque com muitos deles não podemos nem queremos qualquer solidariedade ou qualquer espécie de relações. São verdadeiros desgraçados, vivas concretizações de miséria humana, seres inferiormente insubstituídos, indivíduos antisociais, possivelmente, ou tribunais o confirmarem ou não — criminosos vulgares ou da pior espécie. E falamos assim com tanta mais autoridade quanto é certo que melhor leitura do que a que porventura tenham causado ao corpo social a produziram os ideais avançados que diziam abraçar e defender. Nós somos as suas principais e primeiras vítimas.

Isto é absolutamente assim. E, sendo assim, razão nenhuma havia — para não o dizermos com esta brutal franqueza, com esta desassombração e necessária clareza.

O contrario é que seria censurável e de lamentar porque representaria cobardia da nossa parte.

Mas — há sempre um mas, quando não há mesmo mais que um — seres anti-sociais, criminosos vulgares ou da pior espécie, indivíduos perniciosos é

coletividade pelo seu exagerado e feroz individualismo, pelas suas taras ou pelo sua acção, encontramos-nos por ali, em banda, pululando, tripudiando, desde as camadas mais baixas, às mais altas da sociedade: rufias, vigaristas, assassinos, forças vivas e açam barcadores, alta finança, falsificadores de generos alimentícios, etc., nós actuando por conta própria, outros por conta alheia, uns procedendo individualmente, outros agindo em conjunto, formando verdadeiras e perigosas quadrilhas de malfetores. E, todavia, para todos esses nós se tem usado de idênticos processos. Esses não tem sido deportados sem julgamento (nem depois dos julgamentos se por um acaso do comédia a eles são sujeitos...). Contra esses não se reagiu o corpo social. Da sua criminosa e constante acção não se liberta a coletividade que eles exploram, sugam, asfixiam, debilitam,raquitam, e a que coagem, escarninhamente, para mais, o seu desprezo aviltante.

Ao contrario; Esses, continuam a delinquir e a tripudiar, são consideradas grandes figuras, pessoas de bem, gente honesta, e encontram nos governantes os seus mais preciosos cúmplices e protectores para as suas trapalhadas, negociatas, ludicrozas e morticinas.

Sójam, pois, o que forem os deportados, base nenhuma legal houve ou ha para os deportar sem julgamento — constituindo o facto, como temos frisado, um grave crime contra todos os princípios estabelecidos. Base nenhuma moral houve ou ha para ter levado a efeito e manter essas deportações, visto que, como também acabamos de verificar, idêntico procedimento se não adota nem se adota contra todos os outros malfetores e anti-sociais — quanto mais perigosos e mais respeitáveis ainda — que atrofiam e emagrecem uma sociedade inteira.

Porque esperará, pois, o actual presidente do ministerio, para se decidir a harmonisar-se com a lei fazendo regressar a Lisboa todos os deportados ainda vivos e fazendo-os rapidamente julgar pelos tribunais regulares?

Cobardias perante ameaças? Conveniência com os outros criminosos? Não sabemos. Nem somos nós os culpados destas interrogações. Quem delas tem unicamente a culpa é o proprio presidente do ministerio que a ellas dá lugar com a sua desgraçada e incompreensível attitudé perante um facto de tal importância.

A CAMINHOS DO ABISMO

Tudo indica que, a situação do capitalismo mundial é má, e a luta para os mercados é cada vez pior.

As crises parciais: crises da industria mineira, metalurgica, da navegação, recusa de operações de credito internacional e, uma politica de rapina entre as potencias imperialistas, como atesta o movimento revolucionario nacional dos operarios na China, as ambigües desmedidas da França em Marrocos e, as repressões violentas na Bulgaria, oferecem-nos um espectáculo duma confusão geral.

Na Inglaterra, a situação económica piorou.

O numero dos desempregados aumenta consideravelmente, e o descontentamento é geral e bastante inquietante.

O regresso ao padrão ouro em vez de melhorar a situação piorou a, criando deste modo, sérias dificuldades a des,acho das mercadorias estrangeiras.

Em França, a reforma financeira de Mr. Caillaux, motivou logo em principio uma inflação aberta, o que fez aumentar rapidamente a circulação fiduciaria e consequentemente a desvalorização do franco.

O franco já por si enfraquecido, foi, pelo novo empréstimo, fortemente abalado.

Além disso, pelo novo empréstimo, as garantias do reembolso não foram feitas pelo valor nominal do franco, mas sim, pelo do dollar actual.

Por outro lado, a baixa do franco, por termo á crise das vendas e resatimento das exportações.

São estas, as habituais vantagens da inflação no mundo dos negocios.

Nos Estados Unidos, a situação económica não é menos inquietante.

A produção tem diminuído consideravelmente nas principais industrias, sobretudo, na metalurgica e minas.

Todavia, em geral, esta situação na America, evoluciona seguindo uma curva, pelo qual se verifica um desenvolvimento, apenas interrompido por períodos.

Também, uma parte importante do ouro acumulado não chegou a emigrar. Mas apesar disso, Coolidge, esforça-se por exigir dos países devedores a regularização das suas dividas.

Convém notar neste caso que, a liquidação de contas entre a França e Inglaterra, pode trazer á classe operaria um aumento de horas de trabalho, como atesta o plano Dawos na Alemanha.

Porém, a luta é, até certo ponto, a concorrência continua e, assim, o conflito não sómente existe, como pode agravar-se apesar do optimismo da empresa burguesa e do parentesco social entre governos retintamente burguezes.

Senão vejamos: Antes da guerra de 1914, todos os países excepto a Russia, encontravam-se sob o ponto de vista social nas mãos de governos socialmente aparentados, e isso não impediu de a guerra estalar.

Ora, os antagonismos entre a Inglaterra e a França, America e Inglaterra, são um facto incontestável. O futuro o dirá.

A. B.

ções do que os operarios chineses em greve, sem salario algum; venham, pois, em auxilio dos grevistas em luta. Os operarios russos prestam-nos uma verdadeira solidariedade, arrancada aos seus magros salarios. Partonovos agora a vossa vez. Ajudados-nos sem demora, pois, que ha muito escutamos as vossas palavras tão ricas de promessas. Agora só esperamos pelos vossos actos.

Os membros do Comité executivo do Partido Ko-min-Tung Ching Ao Chen Ven Chen.

O ataque á Russia dos Soviets

I

Em toda a parte da Europa Occidental, isto é, nos estados capitalistas, as forças vitas, os reaccionistas, estão preparando uma offensiva geral contra o Estado proletario, contra a Russia dos Soviets e, consequentemente, contra a classe operaria mundial.

Os Estados imperialistas que, dia a dia, vem ameaçado o seu predomínio, prevento dum para outro momento, a derrocada, o esfacelamento dos seus impérios; quasi perdida a esperança da conquista de novos mercados e de novos rapinas, pois que, os povos que até agora «primidos», estão dispostos a não consentir por mais tempo o terrore infamemente da escravidão e da submissão, p-gando em armas e sublevando-se contra os seus opressores e exploradores.

Assim, vemos o povo trabalhador chinês, o povo marroquino, os drusos, egipcios e, principalmente, no Afeganistão que, com a ansia de liberdade sacrificam milhares de vidas para sacudir o jugo que á seculos os oprime.

Os governos imperialistas não vem em suas revoltas a vontade inequebrável de um povo que se quer tornar livre, que quer dirigir o seu destino como melhor entender. Para esses governos, as revoltas que ora explodem, não é o transvasar dos odios nos mulados através dos seculos e que têm sido legados de geração em geração.

Não, para eles é o resultado da propaganda bolchevista é fruto da acção desenvolvida pelo Internacional Comunista (o Comintern).

A preparação da frente unica anti-bolchevique

Factos fundamentais

O plano da criação de um bloco anti-sovietico das potencias está formulado duma maneira e particularmente detalhada no memorandum do governo inglês, dirigido ás potencias em Fevereiro do anno corrente. Nesse memorandum encontram-se reunidas todas as acusações do imperialismo contra a U. R. S. S. A comissão dirigida em 1925 contra a U. R. S. S. aproveitou uma grande parte dos argumentos contidos nesse documento. A acusação feita pela reacção inglesa contra a politica sovietica tem-se resumido no seguinte:

1.º— O governo dos soviets milita risu todo o país; cria o comunismo armado; pretende criar um nucleo armado para a realização da revolução internacional.

2.º— O poder sovietico desenvolve a sua potencia militar (a frota aérea e a industria quimica) não consente para o aumento da sua influencia, nas relações internacionais, como também para a realização do comunismo armado, sobre todo na Asia.

3.º— Apesar das afirmações do poder sovietico, o exercito vermelho não prossegue de forma nenhuma os fins de defesa nacional. Ele é dirigido pelo Partido Comunista, tendo em mira exclusivamente os fins da Internacional Comunista. O exercito vermelho tende a servir-se dos partidos comunistas para enfraquecer as forças dos seus adversarios, para decompor os seus exercitos e a sua reitguarda. Esta politica é sobretudo perigosa para a Asia, que a Gran Bretanha considera do seu principal dever de defender.

Por consequência, a Inglaterra acha necessário conduir a luta em duas direções.

1) Opor-se ao trabalho do Comintern (I. C.).

2) Impedir o desenvolvimento do exercito vermelho, privando-o da possibilidade de agir para além das fronteiras actuais da União Sovietica.

A luta contra a I. C. não pode ser conduzida sem os esforços reunidos de todos os países civilizados. As potencias, como é a França, o Japão, a Italia, são particularmente interessadas nesta luta.

Chamberlain, desenvolvendo o seu memorandum, fez uma proposta concreta sobre a questão da luta contra a I. C.

Essa proposta:

1.º— E' necessário que as potencias tenham uma representação comum em Moscovo, a fim de obrigar o poder sovietico a melhorar as suas relações com os países. Porquê?

2.º— E' necessário realisar a separação completa do governo e do Comintern.

3.º— O funcionarios do Comintern não devem ocupar qualquer posto governamental; não devem pronunciar-se sobre a politica do governo sovietico.

4.º— Transferir a sede do Comintern (I. C.) de Moscovo para uma outra cidade sovietica, pelo meio de: a) fins praticos e immediatos dessas exigências; b) a fim de mostrar a opinião publica, que todas as declarações do governo sovietico e do Comintern, sobre a não existencia de uma colaboração qualquer, entre eles, não tem produzido nenhuma impréssão sobre as potencias da Europa occidental.

O ultimo ponto que teria o caracter de um compromisso (a transferência do Comintern para outra qualquer cidade sovietica em lugar de uma transferência para fora dos limites da U. R. S. S.) tende a demonstrar que os governos das potencias occidentais estariam prontos a fazer concessões, no caso de que o governo sovietico se mostrasse de boa vontade.

No proximo numero continuaremos a desenvolver este assunto que é de vovos interessantes.

Vida partidaria

Célula Aguas Santas Matã. — Reunio, no dia 4 a comissão administrativa deste organismo que depois de alguma discussão aprovou mais 2 novos filiados. Em seguida resolveu convocar assembleia geral no dia 17 do corrente mês. Pedem-se portanto a comparem ás de todos os camaradas. Caso não haja numero, fica a mesma marcada para o dia 21 do mesmo mês pelas 19 horas.

A. C. C. do P. R. T. Comunista Portuguesez. em sua ultima reunião, entre outros assuntos, deliberou lançar se muito brevemente, na propaganda eleitoral, nos circulos onde pretende propor deputados seus, nomeadamente nos de Lisboa, Porto, Beja, Setúbal e Évora.

Sobre o circulo de Santarem, apesar de se verificar um bom numero de votos, em alguns concelhos deste circulo, ainda não dá resolver.

Assim, a C. C., previne todos os camaradas para, desde já, principiar a trabalhar nesse sentido. Julga necessário que, indistintamente, se constituam comissões eleitorais em todas as freguezias, concelhos etc., para levar a bom termo este trabalho.

Tem, ultimamente, os jornais falado no cartel das esquerdas, nas quais é incluido o Partido Comunista, Todavia, a C. C. do P. C. P. desconfia-se, de facto, alguma coisa há nesse sentido.

Na sua proxima reunião, exclusivamente para esse fim, vai a C. C. tratar deste assunto, das eleições e resolver sobre as condições em que as deve disputar.

Vão ser também, muito brevemente,

A China revoltada

Mensagem enviada ao Congresso Internacional dos Socialistas em Marselha

Em nome do Partido chinês Ko-Min-Tung que engloba toda a nação e representa os interesses de milhões de chineses, agitamos o estantarte da luta contra todos os imperialistas — ingleses, japoneses e americanos, apelinamos para o vosso congresso para que nos preste o seu apoio na nossa luta contra todas as formas do oppressão e exploração.

Por ocasião do vosso ultimo comicio em L. ndres, no comeco de Julho p. p., manifestastes a vossa simpatia pelo nosso movimento. Aguardamos agora que passareis á acção.

Nos estandartes da nossa revolta, manchados de sangue, inscrevemos a nossa divida de guerra: *Luta até ao fim* contra o imperialismo, que colocou uma albarda pesada e infame em cima do nosso povo que dos deseja ser livre. Nós juramos não depor as armas até que o ultimo soldado imperialista tenha deixado o territorio da China,

Novamente a guerra mundial!

(Continuação do n.º 38)

A GUERRA QUE SE APROXIMA

A mobilização será o estrangulamento do proletariado

A guerra civil é habitualmente a consequência do acerto das guerras de Estado. A derrota sucede um regime, liberta as energias do povo e alisa o caminho à Revolução. As derrotas da França em 1870 tiveram como consequência a revolução de 4 de setembro e a Comuna. A derrota do Império Russo no Manchúria, foi seguida da revolução russa de 1905. Dos insucessos dos espanhóis em Marrocos resultou a insurreição barcelonesa de 1909. Da derrota militar do tráfico nasceu em 1917 a Revolução Russa. A derrota dos Impérios Centrais deulhes a revolução de novembro de 1918.

A consciência das necessidades sociais que estes factos históricos revelam fez de Lênine, em 1914, um derrotista resolutivo, permitindo-lhe lançar a palavra de ordem: *franqueado da guerra*. *O que em guerra era certo, palavra de ordem justa devilo a constituir uma provisão científica.*

O que haverá de novo na guerra que se aproxima, é que ela será, desde o seu início em grande parte uma guerra civil.

Fala voltando do Outono as nações menores saíram do ciclo da guerra e classes.

Uma nova partilha do mundo de frente a frente Estados e classes; o da reacção e da derrota.

A guerra que se aproxima começará por um esboço da guerra civil. Vamos ver a razão desta afirmação. Dessejarmos que todo o operário, que não o militante, podesse atentamente estes argumentos e certos factos.

Quer se trate duma guerra colonial, que seja da guerra civil, o grande objectivo da guerra é a conquista de mercados e a expansão territorial. Os interesses imperiaes são de importância inapreciável — do choque de dois agrupamentos imperialistas num acção comum contra a União Soviética, uma parte cada vez maior da classe operária salta em frente, e em todos os países, que a guerra é sempre feita contra os trabalhadores. Desde que a III Internacional põe em toda a sua amplitude o problema colonial, já se não pôde pedir aos operários que se batam para defender as rapinas da Alemanha, organizadas pelos grandes estabelecimentos financeiros da burguesia.

Não se pode mobilizar o proletariado para a União Soviética, primeiro Estado da classe operária internacional. Já se não trouxe também, após a participação das últimas guerras de destruição e da desorganização, após o tratado de Versalhes, a tumbição da União Soviética e da Internacional Comunista, pretende mobilizar impunemente as massas operárias umas contra as outras.

A mobilização dos brancos e das consciências da IRI graças à tradição dos Estados Unidos do socialismo oportunista.

Quando os parlativos, que na véspera salvavam ao opor a insurreição à guerra, se puzeram ao serviço dos governos de defesa nacional, o socialismo desmascarado e o movimento operário despolitizado ficaram reduzidos à impotência.

Existem em todos os países, partidos que não faltação os seus deites.

Partidos irresponsáveis. Os nossos!

Existe um partido internacional constituído por todos estes partidos.

O inimigo da guerra é a França segundo uma recente expressão do jornal *Burguês de Paris le Temps*.

A burguesia vê perfeitamente que ha-de ser preciso, em primeiro lugar, desoligar esse inimigo. Por isso ela prepara a guerra em duas frentes.

Por outro lado a transformação da técnica do guerra, tem duas consequências. Ela torna igualmente indispensáveis a mobilização militar e a industrial. Ela atenua e até chega a fazer desaparecer a distinção entre beligerantes e populações não beligerantes. Modifica, portanto, toda a população val da dos países em guerra trabalha para o *front*, combate por outro processo, sendo a sua arma o trabalho.

A população não beligerante não pode ter esperança de ser poupada, porque as armas novas, a arca química e a aviação vão ser dirigidas contra as indústrias, as fábricas, os centros económicos, sem distincção, sem que seja possível poupar a vida ou aos combatentes, velhos ou crianças. E' mesmo muito provável que os não combatentes sejam os mais expostos, pois serão eles o de menor mobilidade e de menor protecção por serem os menos úteis a uma boa máquina que as máquinas são

convidados, para uma reunião, todos os militantes da organização comum são, para decidir sobre a acção a desenvolver na propaganda eleitoral.

Tomou conhecimento, a C. G., de ofícios da Federação das células do Porto e Orléans de Agnes Santos Maia que lou ou em consideração.

Foram aprovadas mais 7 propostas de novos filiados, sendo: 1.º Agnes Santos Maia, 2.º Vila Real de St.º Antonio, 1.º Lisboa 4.

Foi irradiado o filiado Luiz Antonio Pereira, funcionário do porto de Lisboa, não só pelo seu nome vir indicado, como fazendo parte dos corpos gerentes dum agrupamento político burguês, «Os Homens Livres», no Senado do dia 28 do p. p., como também pelos seus actos e procedimentos, que não podem ser dum comunista, havidos para com colegas seus. Este senhor foi convidado a dar explicações e recusou-as.

Ainda a conferência de camponeza

Como os nossos leitores se devem recordar, foi lido na mesa e na primeira sessão da conferência camponeza uma carta em que, por não estar assinada, a conferência não a tomou em consideração.

Escrevemos agora o seu autor, o camarada Manuel Martins que de facto se conheceu no plano que publicámos, que assumia a inteira responsabilidade do seu conteúdo e pedindo a sua publicação. Signa a carta:

Presido camaradas:

Ap saber que vos reunia em conferência, para tratar de vários assuntos, entre os quais a IRI 1935 que bastante me afectar a vida económica dos nossos camaradas rurais, que depois de sacrificarem a vida ao lado de vocês, para dar melhores condições de produção, visto que não passavam de um porcelão e muito abandonado. Não, porque os trabalhadores do campo, desde um trabalhador rural, aproveitamos as poucas horas que devia desocupar, cultivando o seu terreno, incluindo as suas famílias, para que do seu trabalho nossem melhor a lidar as necessidades de seu lar.

Eu, camaradas rurais, como rural também que sou, não pôde de fazer alguma ao ter conhecimento da vossa reunião para ser convocado a mais colaboração. A situação económica dos trabalhadores, para melhorar a sua vida, em cuja o seu trabalho, sobretudo nos estudos de socialismo revolucionário.

Desajamo que devessemos, para alguma coisa de proveito, nem só para os rurais como também para a zona que de nós depende, fazendo os mais arduos votos para que todos os camaradas rurais e urbanos, em todas as actividades, tenham o melhor a lidar a vida económica dos trabalhadores, para melhorar a sua vida, em cuja o seu trabalho, sobretudo nos estudos de socialismo revolucionário.

Desajamo que devessemos, para alguma coisa de proveito, nem só para os rurais como também para a zona que de nós depende, fazendo os mais arduos votos para que todos os camaradas rurais e urbanos, em todas as actividades, tenham o melhor a lidar a vida económica dos trabalhadores, para melhorar a sua vida, em cuja o seu trabalho, sobretudo nos estudos de socialismo revolucionário.

Viva a Internacional Camponeza.

Beja, 8 de Agosto de 1929. Um rural.

da ultima hora pode reaver uma inapreciável importância. E' como esse pretexto é improvisado mesmo no ultimo momento, do aumento da sua importância resulta que os acontecimentos põem em conjunto, que não são papulos do que é costume.

Não podemos convencer os trabalhadores da necessidade de se baterem, mas vengo que é preciso deslizar a vanguardia da classe operária com grande rapidez, a burguesia, revidada a fazer a guerra, e a cultura a prestar o máximo, destinado a cegar, supprido a inteligência das massas — a qual a habilidade consiste em não deixar tempo de reflectir.

Em 1910, a falsificação do telegrama de Ena para Diabral, aconteceu por a guerra, a cultura a prestar o máximo, destinado a cegar, supprido a inteligência das massas — a qual a habilidade consiste em não deixar tempo de reflectir.

Em 1901, os japoneses atacaram os russos sem declaração de guerra. Sabem-se que os ingleses e os russos se estavam preparando, em 1914, para proceder do mesmo modo contra a Alemanha.

Em 1914, o atentado de Sarajevo criou a situação necessária à guerra. *Quos ardeat, sciamus*, sabemos que o assassinato do arqueduce Francisco Fernando da Austria foi, na realidade, tramado pelos Estados-Maiors da Servia e da Rússia. Esta longa tradição — podemos ter muito mais longe — a provocação para a guerra de classes. O Sr. Thiers fez espallar por toda a França que os homems da Comuna, que ele se preparava para massacar, se entregavam a horrosas matanças de gente honesta.

Que de atrocidades se não iamutaram nos Estados para justificar a intervenção? Foi tudo a uma noticia falsa, imaginada em todos os detalhes — o estrangulamento de 60 policias pelos espartaquistas, em Lichtenberg — que Noske instituiu em 1919 a lei marcial e fuzilou nas ruas de Berlim os nossos camaradas. *Quos ardeat, sciamus*, sabemos que a guerra, a guerra a transição será brusca, armada, o exigo o interesse vital da burguesia. Alguma enorme provocação, possivelmente sangrenta, fornecerá o pretexto desejado. Paralelamente, com uma rapidez ainda maior, outras provocações de classe, acontecidas da publicação de falsos documentos e das revelações sensacionais sobre o perigo comunista, mobilisaram nas semanas os mesmo e alguns dias, a opinião pública.

No começo de qualquer guerra, o inimigo interior — o proletariado — ha-de ser sempre agitado e a burguesia procurará extinguir, em primeiro lugar, o mais duramente possível e com o maximo de rapidez.

Victor Sergio

Mus, porque não se deve, antes de mais nada, tentar o poder e criar as condições favoráveis para o desenvolvimento do proletariado, para elevar o nível cultural das massas laboriosas e para formar, enfim, os quadros administrativos recrutados em todos e em grande parte entre os operarios?

(LUMENISMO)

A época das guerras e das revoluções

“Proletarios de todos os países e povos oprimidos do mundo, uni-vos!”

Fluxo e refluxo

A expressão época de guerras e de revoluções dá do principio desta época. N'a sua época, todos os marxistas a admiram Kautsky, a esse tempo ainda marxista, foi um dos seus autores e propagandas.

Ele dá uma definição, geralmente te-exista, dos acontecimentos mundiais que se preparavam.

Ao principio da guerra, imperialista tornou-se bem evidente que se entrava numa época de guerras imperialistas e de revoluções sociais. Os oportunistas, quasi todos a III Internacional fizeram uma larga meia volta à direita e queimaram atraz de si, ao lado do movimento operário revolucionário, todos os pontos.

Léonine ensina nos que, uma época de guerras imperialistas, pressupõe guerras de nações oprimidas contra o imperialismo, de mesma forma que uma época de revoluções sociais, pressupõe movimentos revolucionários desmocráticos de grande envergadura (como o movimento camponez) que, em condições favoráveis, se podem transformar em movimentos socialistas.

Numa tal época, os fluxos e refluxos são inevitáveis.

Após a brilhante victoria da revolução proletariana na Rússia, a revolução revolucionária deru pouco mais do que até 1921. Depois, a onda revolucionária baixou. Durante alguns anos não se produziram guerras nem revoluções imediatas, os oportunistas adiaram a firme convicção de que a época de guerras e de revoluções se terminava, succedendo-lha uma era de espantoso e de democracia.

Tudo isso, temporariamente a situação revolucionária imediata, uma situação simplesmente revolucionária em geral — a III Internacional conclusiva que a revolução terminou, deixou da para sempre a scena da história.

Está o desenvolvimento rapido da revolução mundial, desde já, ligado à próxima guerra? Nós pensamos que a victoria da revolução proletariana, nos países mais importantes, é possível em nova Guerra; mas que uma nova guerra não pode ser concebida sem revolução.

A teoria socialista

Os melhores stóricos da III Internacional (ver o livro de Otto Bauer) não recusam a revolução socialista, existindo elementos que o socialismo não se pode realizar no estado de decadência da produção (em seguida à guerra imperialista).

Levantar o capitalismo, estabilizar, destruir as suas forças produtoras destruidas pela Guerra, ha de ser necessário a realização do «verdadero» socialismo, em vez do socialismo da miseria. Os teoricos da III Internacional equívocos apenas uma coisa: é que ao primeiro sistema de estabilização o capitalismo tenha já em nova Guerra.

Ca a passo que o capitalismo dá no sentido da estabilização é um passo a caminho de uma Guerra. Tenha-se em vista o que se está passando com a China e Marrocos.

Os teoricos da III Internacional não se querem convencer do circulo vicio no qual se encerram os seus arrazoados.

«Não tocas, pregam eles, ao capitalismo. As suas forças produtoras estão esgotadas pela guerra, deixai-lhe tempo para ele se restabelecer! Mas convalentesse em curado, e o capitalismo não deixará de destruir de novo, pela guerra, as riquezas que tiver acumuladas.

O bolchevismo em acção

A ultima conferencia do Executivo Ampliado da I. C., consagrou uma grande atenção à estabilização parcial do capitalismo. Os ultimos acontecimentos têm justificado as suas previsões.

Ainda que algumas das acções da Internacional tenham exagerado um pouco a importância da estabilização do capitalismo, a justiça da nossa forma não foi por isso diminuída. Continuando a estabilização não sablhemos a necessidade da bolchevisação dos nossos partidos.

E' que a estabilização económica do capitalismo é das mais raras. Ela cria um estado de coisas que favorece objectivamente o desenvolvimento do bolchevismo.

A bolchevisação não se resume à confissão de fé ou a publicação de um excelente literário. Ela tem necessidade de factos. De que facto? De os acontecimentos da China, a aproximação entre os stalinistas da União Soviética e os trad-e-unões da Gran Bretanha, e a extinção da influencia do Partido Comunista britânico, e do desenvolvimento acentuado de trabalhadores francezes, sem distincção de partidos, perante a guerra de Marrocos.

A bolchevisação é o trabalho incessante de todos os servidores do movimento da revolução proletariana, tendente a favorecer os acontecimentos, a desenvolver e a temperar as forças do proletariado mundial de maneira a torná-lo apto a desempenhar a sua missão histórica.

A bolchevisação é assim a organização de forças da vanguardia proletariana de maneira a torná-lo capaz de entrar na luta contra o capitalismo, além da classe operária, os povos oprimidos do mundo inteiro.

Problemas actuaes

O estado de coisa actual é caracterizado pelos factos seguintes:

- 1.º — O desenvolvimento do movimento nacional revolucionário na China, resultando já graves grevas;
- 2.º — A guerra de Marrocos suscitando um movimento de protesto que ganha até os operários reformistas;
- 3.º — A extensão do «comage» na Inglaterra de que o congresso extraordinário das trades unites, devido em grande parte à influencia do partido comunista britânico, é uma das consequências.
- 4.º — O principio de uma formidável crise financeira na Alemanha, que se manifesta já pela falencia da firma Stinnes, agravar-se há ainda mais desde que a Alemanha deverá, pagamentos previstos p-lo Plano Dawes.
- 5.º — A crise financeira e económica recente na França, pós victoriosa, soffrendo uma crise no fundo analoga aquela dos países vencidos.
- 6.º — O desenvolvimento rapido da economia soviética, accusada este ano por uma boa colheita.

A eleição de Hindenburg, a queda do governo Herriot, os acontecimentos da Bulgária, o ruído feito em torno do «questo de segurança» são factos que justificam bem o que o Ex-cultivo da Internacional Comunista tem dito sobre a relatividade da estabilização do capitalismo.

Podem o sr Otto Bauer e seus confrades em teoria de a 2ª Internacional, observar isto: a estabilização da economia capitalista conduzi á, infelizmente a novos conflitos e a uma nova desagregação das forças produtoras. Ela não tem produzido aumento real do bem-estar das massas populares e renascimento da vida económica, sendo num país que a sua revolução proletariana sem esperar o restabelecimento do capitalismo, depois da guerra, mas, pelo contrario, aproveitando, no dia seguinte ao morticínio, da crise do mundo capitalista.

O proletariado perante a guerra

A guerra de Marrocos não é, para o momento actual, mais que uma «pequena» guerra local. Poder-se-hia tentar dizer «provincial»! Mas não sabemos todos que a «grande» guerra de 1914 foi precedida de uma série de «pequenas» guerras.

A guerra colonial que se prosegue agora em Marrocos aparece, igualmente, em muitos pontos, como o sinal precursor do futuras guerras imperialistas. Qual seria a attitude do proletariado perante uma nova configuração? A questão é, de mais a mais, actual. Ele é tempo de recordar o que Lênine escreveu, em 1922, nas suas «Relações sobre os deveres da nossa delegação na Haia».

«Expór, claramente, que de grande é o segredo que envolve as organizações de guerra e quanto uma organização operária, mesmo se ela se dá revolucionária, está na impossibilidade de tomar, nitidamente, posição perante uma guerra que se anuncia eminente.»

Os comunistas de todos os países devem fazer comprender aos milhões de operários que, do «grande» segredo que envolve os actos de segurança e outros alto factos de espantoso, não pode surgir, inesperadamente, se

O Exercício da Revolução, do Trabalho e da Paz

Militarismo vermelho, imperialismo vermelho, perigo vermelho... não cantemos, por vos conhecemos, das reacções e dos socialistas.

— Por isso mesmo se torna evidente que o Exército Vermelho não pode sonhar com guerras ofensivas e que o Sr. Chamberlain poderia dormir sobre as suas duas cabeças, se ele tivesse a consciência tranquila.

Pró- "O Comunista"

- Verificando-se a absoluta necessidade de o nosso jornal sair com a maior regularidade, todas os 15 dias...

As exportações dos trigos russos

Em Odesa próximo o pino carregamento do trigo destinado à exportação. Em primeiro lugar será carregado o barco francês Tulla que terá 1.000 toneladas de trigo com destino a Marselha.

A COBRANÇA

Enviamos a todos dentro em pouco para o correio a cobrança de O COMUNISTA, recomendando a todos os nossos leitores que deem ordem em casa a suas famílias para se fazer o respectivo pagamento, favor que agradecemos.

ATRAVEZ DOS CAMPOS

Quem semeia não come

Presadas camaradas: E' dos confinados duma charranca, onde não chega o barulho nem a intriga da cidade, que vos escrevo estas mal atiladas letras que são a expressão do meu sentir e da minha magua.

O camaradas da C. G. T. não entendem assim, chamam-nos burgueses e exploradores do povo!

Alá camaradas da C. G. T. sejamos unidos, façamos as pazes. Somos todos irmãos.

O comunismo só tomará posse da terra será livre e estará a caminho da sua emancipação, no dia em que todos unidos, operários e camponeses, fizerem a revolução proletária.

Das dez debulhadoras e dez compradoras que aqui trabalham, são durosos trabalhadores atraídos para a praia, em concorrência aos outros camaradas.

Com um ordinado destes devem ter juntado algumas economias para iram até a Nazaré ou a Figueira da Foz passar o resto da estação calma!

Com um ordinado destes devem ter juntado algumas economias para iram até a Nazaré ou a Figueira da Foz passar o resto da estação calma!

Os campos e a agricultura — A incompetência dos lavradores

O sr. lavrador, em vez de arrendarem as terras a outro rico, bem poderia arrendá-las aos pobres trabalhadores, pois, lhes dariam melhores resultados.

A questão sindical

Próximo Congresso Operário

BIBLIOTECA COMUNISTA

- Voltemos publicando: O comunista e os camponeses, 1.50.— Pelo correio, 1.70.

Confiança e vigilância
Felizmente, os operários compreendem hoje, um pouco melhor e mais depressa que dantes, o carácter das guerras imperialistas.

guerra aumentará, mais a classe operária reconhecera a necessidade de restabelecer a sua unidade internacional, única garantia séria contra toda a nova folia imperialista.

Mesmo nos países democráticos, a guerra pode ser desastrosa para o consentimento do povo, pelo seu des-achecimento, contra sua vontade!

Foros do B'sainho - Setembro de 1925.

H. Lourenço (Um fascista sem sapatos)

Os campos e a agricultura — A incompetência dos lavradores

Os sr. lavrador, em vez de arrendarem as terras a outro rico, bem poderia arrendá-las aos pobres trabalhadores, pois, lhes dariam melhores resultados.

As suas herdadas ficam dividida a sua pequena gleba e entregues aos chefes de família dos camponeses pobres, todos os campos seriam um jardim.

Mas não, os campos estão abandonados! Os novos ricos em vez de melhorarem as terras fazem o contrário, não as cultivam.

As poucas que alguns cultivam, não ceitam as sementes; deixam-lha os grãos; derrotam as árvores; não têm outro pensamento que não seja o goso.

Os elementos avançados da burguesia europeia acomodou-se bem, tal vez, com a existência dos Soviéticos, e a revolução russa se limitasse unicamente à Rússia.

A época de guerras e de revoluções continua sempre. Ela torna-se nos nossos olhos a das guerras imperialistas e das revoluções sociais.

Quanto mais o perigo de uma nova guerra aumentará, mais a classe operária reconhecera a necessidade de restabelecer a sua unidade internacional, única garantia séria contra toda a nova folia imperialista.

Os povos oprimidos do Oriente e do poderio venoz e imperialistas se unem com o auxílio e sob a direcção política da vanguardia do proletariado internacional.

Centenas de milhões de oprimidos se gam, com paz, as lutas da China revolucionaria e meditam nos melhores meios de organizar as suas forças.

Os povos oprimidos do Oriente e do poderio venoz e imperialistas se unem com o auxílio e sob a direcção política da vanguardia do proletariado internacional.

NOTAS DA QUINZENA

Campanhas venenosas

Aos ataques e mentiras que os perlo-dicos burgueses tem moendo contra a Revolução Russa e seus partidarios, de-vo-se opôr a nossa voz e a nossa Justiça.

Aos infamíssimos «articulistas» responde a consciênça revolucionaria dos comunistas, da forma mais digna e util que julgarem conveniente

Ultimamente, a imprensa da capital tem vindo publicando varios artigos...

ser ashor dos a-sua instintal! Não são os instintos naturais que nós devemos servir, degradando nos, mas são eles que a nós, Homens e Senhores, nos devem servir...

Podíamos estabelecer o paralelo na diferença que existe na prostituição de uns e outros. Não o fazemos porque não morro- o pena porque...

«Em consequencia destas artigos, escrevo o jornalista Paulo Schffer, uma torrente de cartas inuvidas a redação do Pravda...»

«Um capricho passageiro: — diz ela própria. «Dentro de alguns meses — augura a rotineira comissão — já tu tornas a aparecer.»

«Madama» Smidewitch descreve ainda as chamadas noites afri-anasas, que, segundo parece, são festas-jandras mesmo com um certo orgulho. Nestas «noites africanas» — calculam noites africanas (!) na Russia; isto só de patife, e nam tem serafico, o jornalista continua — como depois no jornal Pravda se esmiugam, encontram-se as raparigas numa verdadeira defensiva...

«Aqui tem o leitor a escuravidão mais degradante a que se chega na Russia sovietica, a escravidão humana sob os instintos animais! Não que eu cande-ne ou lamente essa força natural que a todos nós nos anima! Mas porque se não incondicionalmente escravos dela nos tornamos, que será feito do justicão direito, do nobre orgulho, com que o Homem civilizado hoje se distingue dos gatos de Lisboa ou dos cães do Viana! Como da sua vontade e dos seus impulsos, o Homem deve

os camaradas possam analisar da ac-tuação e do decoramento do «ilustre cronista».

Ao lermos o seu artigo em O Seculo, não tivemos repugnancia pela ma-teria cor. lida, nem tam pouco pelo ho-mem que o assina porque o não co-nhecemos; os notes reparos não mais para a gravura que é falsa e ser o jornal que é que serve destes nojentos processos para criar na opinião publi-ca uma corrente hostil contra a Russia Soviética e contra todos os que a de-fendem ou queiram adoptar o seu sistema politico-social.

Não admira agora que os homens que estão á frente do Seculo ou que neste colaboram, procedam desta modo, visto não ser a primeira vez que preva-ricam, que insultam, que traçoçaoem, é um hábito que vem de longa data, adquirido dos seus costumes e do exemplo dos seus antecessores...

Por isso, as campanhas do Seculo são sempre o escarneo das campanhas jornalisticas.

Os traidores tem recebido sempre a paga da sua cobardia e essa justiça faz-lhe o Povo com o tempo.

«Mas... até lá nós temos a vencer dificuldades, destruir barreiras que são o obstaculo á Revolução Social. Pouco a pouco, temos de ir limando as arestas, remediando as taras, destruindo os muitos preconceitos sociais que existem, a par da propaganda revolucio-naria que devemos organizar e desenvol-olver entre os trabalhadores da gleba e das cidades.»

«Mas não fazes caso das banalidades e das boas afirmacões dos traidores, lu-tal, luta sempre, a luta é uma condi-ção da vida!»

«As palavras mentirosas dos adver-sarios burgueses e mesmo de alguns adversarios operarios, porque os ha, respaldamos nós, com a tolerancia o com a palavra justa, ponderada, acor-tada e forte, tão forte quanto seja a verdadeira dor do pulso que a escreve e do cor-berro que a idealisa e bela quan-to mais b'ros forem os seus sentimen-tos humanitarios.»

A proposito, devemos aqui, recor-dar aquê que se chama Manuel Ri-beiro, o ex revolucionario das pugnas socialistas de hontem, que com o ver-bo dos seus escritos inflamava as tur-bas, conduzindo as na marcha da Re-vo-lução, esse Ribeiro que viveu entre a Pibe e da Pibe nasceu, esse Ri-beiro que viveu revolucionario muitos anos, que participou da miseria, sen-tiu a dor dos sacrificios dos párias e dos que vestem a gungu e cantou ho-zas ao Trabalho, algumas vezes de-uvia ter-se revoltado quando observou a brutalidade, a perseguição, o crime e a destruição dos algizes, exoroc-o-se em cores indefesos. E quantas vezes elo não se sensibilizou quando via oiaças chorarem pelos pais que eram presos e outras que morriam á fome por não terem pão?

Manuel Ribeiro que viveu entre os apóstolos da Verdade e hoje vive entre os apóstolos da Egreja, negação completa do que afirmou, em en-tervaista concedida a um redactor do Diario de Lisboa, do dia 5 do corrente, entre outras coisas, declara: «Não creio numa revolução social depois do resultado da experiencia russa. Como é que elo ha de crêr numa revolução social, se é por consequencia um renegado... e só um renegado como elo poderia fazer esta afirmacão.»

Para nós essa afirmacão não tem valor, porque o nosso principal inte-ressor como comunista, é fazer a Revo-

Uma importante sessão de propaganda sindical no sindicato dos rurais de Val de Vouga

No dia 6 de Setembro realizou-se neste s.d.s. uma importante sessão a qual foi muito concorrida, abandonando-se tambem representados muitos camponeses pobres.

Eram 21 horas, quando pelo camarada Almeida Palgueiro foi aberta a sessão.

Expostos os fins da mesma, sendo convidada para presidir o camarada J. Toucinho e para secretariar os camaradas Antonio Machado e Francisco J. Carrasco.

O camarada presidente alongando-se em varias considerações e depois de ter apresentado o camarada Adriano J. Neto, convidou todos os que quizessem fazer uso da palavra, in-tervenindo se os camaradas Adriano Neto, Bernardino B. Machado e Manuel F. Godinho.

O camarada presidente diz: Em virtude de se realizar nos dias 21, 22 e 23 do corrente, o congresso rural, no qual vão ser presentes e discutidas as teses publicadas ultimamente em A Batalha, lamenta que elas pouco ou nada tenham de realizações indiciadas pelos trabalhadores do campo, razão porque discordei em absoluto das mesmas, dando o meu incondicional apoio á mocção dos camaradas rurais de Coruche.

Em seguida faz uso da palavra o camarada Neto, delgado do Comité Executivo dos partidarios da I. S. V. que, em nome do organismo que aqui representa, saudá todos os camaradas presentes e expõe os motivos que o trouxeram junto dos camaradas desta região e, continuando, historia a que-lle trabalho sindical, principalmente rural desde 1911 até esta data, demonstrando o que foi o e que é a organização-sindicalista em Portugal, quais as causas que té n' contribuiu para o seu enfraquecimento actual.

Fala um pouco sobre a revolução russa e sua vida actual, lamentando que hajam cerebros tão obscuros que calcunem a maior e mais nobre obra do Proletariado até hoje, dizendo-lhe, orador, que não reconhece autoridade alguma seja em quem for, de atacar uma obra que custou milhões de vitimas e que representa o maior triunfo do Proletariado mundial.

Demonstrando que quem assim pro-greda faz causa commum com a bur-guezia.

Referindo-se ás teses que hão de ser apresentadas ao proximo congresso rural e publicadas ultimamente em A Batalha diz: Se áquillo lhe chamam teses não sabe, porém, o que se deve chamar a um zero, pois que tudo aquilo que nas nossas teses se trata, não passa de um verdadeiro platonismo, porque, nem sequer ao de lavar, se

«Do Congresso de Hamburgo ao Congresso de Marselha ha dias instado, os progressos da «II Internacio-nal» foram-se successivamente acentuando. A sua consolidação será agora marcada, o que determinará, certamente, a decadencia das organiza-ções comunistas, do seu daninho espirito revolucionario, das suas perigosas tendencias destruidoras.»

Além destes jornais ha O Diario de Noticias que do quando em quando pela pena do seu correspondente em Paris, Jorge Guerner, atira-se aos comunistas como gato á bofe. Já ha pouco este jornalista em palavras pouco elogiadas delectava a figura de Krasino, pelo facto deste vestir piastrol e calçar botas de palmito.

Respondamos altivamente aos nossos colunadores.

Liisbo, Setembro de 1925. Manuel Ramos

trata das mais pequenas necessidades dos tr'balhad-res do campo.

Pelo mesmo, foram lidas as ditas teses que, depois de analisadas, veri-ficou-se que não satisfazem as ne-cessidades da classe.

A seguir leu a mocção das camara-das rurais de Coruche, que tendo sido por tod'a aprovada, se justificou que ella vem ao encontro dos nossos desejos e que muito satisfaz as nossas ne-cessidades actuaes: Manifestando-se a assistencia com grande entusiasmo e a favor da dita mocção, que foi apro-vada por unanimidade, ficando, pois, regitadas as teses da F. R.

A seguir foi dada a palavra ao camarada Baptista Mechado, que disse estar plenamente de accordo com os camaradas que o antecederam, toman-do como um contra-asso as chamadas teses publicadas em A Batalha ultima-mente, pois, que as mesmas pouco ou nada tratam de medidas de resultados e beneficios immediatos para os tra-balhadores rurais.

Por fim foi dada a palavra ao cama-rada Manuel F. Godinho, camponês que, alongando-se sobre varios assun-tos da vida nos campos, referiu-se muito especialmente, á vida dos cam-ponezes pobres, exprimindo em poucas palavras quas as aspirações da classe que, segundo o seu modo de ver, só podem ser satisfecitas, quando lhes furem intrgressas as terras e os instrumentos de trabalho.

Nã havendo mais oradores o cama-rada presidente encerra a sessão. A mocção que n'esta sessão foi apro-vada para ser defendida pelo delgado do Congresso Rural, é do teor seguinte:

- 1.º - Que a classe rural seja incluída na lei sobre accidentes do trabalho, seja ésta de que e preço for.
2.º - Que se reclame dos governos o cumprimento da lei n.º 10.653 e das disposições referent'es ao inced ato aproveitamento dos terrenos incultos e charnecas.
3.º - Que se reclame como medida da maxima utilidade para a classe rural o encerramento das tabernas ao domingo.
4.º - Que se reclame para a classe rural a jornada das oito horas.
5.º - Que se reclame dos governos o dos municipios a abertura de trabalhos para atenuar a crise do trabalho.
6.º - Que se reclame o aumento de jornas para os rurais em harmonia com a carestia da vida.

A Comissão Administrativa
balhadres, as suas misérias as suas dores, como revolucionario? Não, como artista que é catante a Revolução Ri-sa em A Bandeira Vermelha, como nova ementa de artista.

Hoje, onta e egreja com a m'esma emôçã, como ontem oitavos a re-vo-luçã.

«Aqui tem o leitor a escuravidão mais degradante a que se chega na Russia sovietica, a escravidão humana sob os instintos animais! Não que eu cande-ne ou lamente essa força natural que a todos nós nos anima! Mas porque se não incondicionalmente escravos dela nos tornamos, que será feito do justicão direito, do nobre orgulho, com que o Homem civilizado hoje se distingue dos gatos de Lisboa ou dos cães do Viana! Como da sua vontade e dos seus impulsos, o Homem deve

«Aqui tem o leitor a escuravidão mais degradante a que se chega na Russia sovietica, a escravidão humana sob os instintos animais! Não que eu cande-ne ou lamente essa força natural que a todos nós nos anima! Mas porque se não incondicionalmente escravos dela nos tornamos, que será feito do justicão direito, do nobre orgulho, com que o Homem civilizado hoje se distingue dos gatos de Lisboa ou dos cães do Viana! Como da sua vontade e dos seus impulsos, o Homem deve

«Aqui tem o leitor a escuravidão mais degradante a que se chega na Russia sovietica, a escravidão humana sob os instintos animais! Não que eu cande-ne ou lamente essa força natural que a todos nós nos anima! Mas porque se não incondicionalmente escravos dela nos tornamos, que será feito do justicão direito, do nobre orgulho, com que o Homem civilizado hoje se distingue dos gatos de Lisboa ou dos cães do Viana! Como da sua vontade e dos seus impulsos, o Homem deve

Pobre Manuel Ribeiro!
A maioria dos elementos avançados tomam-no por um negroado, por um traidor. Para nós, Manuel Ribeiro é um artista e, como tal, um emotivo. Hontem cantou nas Linhas de Fogo, a revolução, a emancipação dos tra-